

20º COLÓQUIO DE MODA

19º FORUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Moda e Identidade de Gênero: Desafios e Possibilidades para a Inclusão de Corpos Trans e Não Binários

Fashion and Gender Identity: Challenges and Possibilities for the Inclusion of Non-Binary Bodies

SILVA, Julia Matias; Graduada; Faculdade Senac Pernambuco, juwliamat@gmail.com

BEZERRA, Jade Medeiros Ramos; Graduada; Faculdade Senac Pernambuco, jade.bezerra@edu.pe.senac.br

GUEDES, Michelly Rafaela Amorim Ferreira de Melo; Especialista; Faculdade Senac Pernambuco, michellyamoorim@gmail.com.

OLIVEIRA, Daniela V. de; Mestre; Universidade Federal de Pernambuco, danielaoliveira@pe.senac.br

Resumo: Este artigo estuda as relações entre moda e identidade de gênero, com foco nos desafios e possibilidades para a inclusão de pessoas não binárias na indústria da moda. A pesquisa parte do entendimento de que a moda é um importante instrumento de expressão identitária, ao mesmo tempo em que reflete e reforça normas sociais, especialmente as relacionadas ao gênero. Através de revisão bibliográfica, análise de casos e observação de práticas contemporâneas do setor, discute-se como o sistema fashion, historicamente estruturado sobre uma lógica binária, ainda apresenta barreiras à representatividade de corpos não conformes. Conclui-se que a construção de uma moda verdadeiramente inclusiva requer não apenas mudanças nas modelagens e campanhas, mas uma reestruturação ética e simbólica que contemple a diversidade de existências de forma genuína.

Palavras-chave: moda; identidade de gênero; não binariedade; inclusão; representatividade.

Abstract: This article studies the relationship between fashion and gender identity, focusing on the challenges and possibilities for the inclusion of non-binary people in the fashion industry. The research is based on the understanding that fashion is an important instrument of identity expression, while at the same time reflecting and reinforcing social norms, especially those related to gender. Through a literature review, case analysis and observation of contemporary practices in the sector, the article discusses how the fashion system, historically structured on a binary logic, still presents barriers to the representation of non-conforming bodies. It is concluded that the construction of truly inclusive fashion

1. Graduada em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudo na área de História da Moda.
2. Graduada em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudos na área de Figurino.
3. Graduada em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, Especialista em Gestão e Planejamento de Modelagem pelo SENAI CETIQT. Atua como Professora da Faculdade SENAC PE e consultora de negócios de moda autoral.
4. Graduação em Design Industrial pela UFPE e pós-graduações em Design de Moda (UFPE), Gestão Ambiental e Desenvolvimento (UNINTER/SC) e Gestão Empresarial (UNIFBV).



requires not only changes in models and campaigns, but an ethical and symbolic restructuring that genuinely contemplates the diversity of existences.

Keywords: fashion; gender identity; non-binarity; inclusion; representation.

1. Introdução

A moda é um sistema técnico e simbólico que foi construído historicamente sob uma lógica binária de gênero, que regula corpos e identidades por meio de práticas produtivas e representações estéticas. Ainda que diferentes culturas - como a Grécia Antiga ou o Japão Feudal - tenham adotado expressões de gênero mais fluidas em seus trajes, a consolidação da moda ocidental moderna promoveu a normatização de padrões morfológicos rigidamente vinculados ao sexo biológico, reforçando distinções fixas e intransigentes entre o masculino e o feminino.

Esse paradigma foi incorporado de forma direta e incessante aos processos industriais da modelagem e confecções do vestuário. Tabelas de medidas, curvas de tamanho e moldes padronizados passaram a ser construídos com base em dados antropométricos de população cisgênero, o que resultou na exclusão sistemática de corpos que não se enquadram em tais padrões hegemônicos.

Apesar do avanço de discursos sobre diversidade e inclusão, as transformações observadas permanecem, em grande parte, restritas a esfera da comunicação e imagem. No âmbito técnico da cadeia produtiva - especialmente nas etapas da prototipagem e finalização - os métodos continuam operando em discrepância com base em parâmetros homogêneos, desatualizados e pouco responsivos às necessidades de indivíduos trans e não binários.

Nesse contexto, os dispositivos técnicos da moda - como os moldes-base, as tabelas de medidas e os processos de gradação - devem ser compreendidas não apenas como ferramentas operacionais, mas como agentes ativos na normalização dos corpos. Conforme argumenta Foucault (1979), os mecanismos de defesa por meio de práticas aparentemente neutras, que regula comportamentos e produzem subjetividades. A padronização técnica, nesse sentido, funciona como tecnologia de controle que delimita quais corpos podem ser legitimados pelo vestuário e quais são relegados à inadequação, à invisibilidade ou à improvisação.

Considerando essa problemática, é fundamental repensar os sistemas de modelagem e desenvolvimento do vestuário a partir de uma lógica que reconheça a subsistência da

1. Graduada em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudo na área de História da Moda.
2. Graduada em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudos na área de Figurino.
3. Graduada em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, Especialista em Gestão e Planejamento de Modelagem pelo SENAI CETIQT. Atua como Professora da Faculdade SENAC PE e consultora de negócios de moda autoral.
4. Graduação em Design Industrial pela UFPE e pós-graduações em Design de Moda (UFPE), Gestão Ambiental e Desenvolvimento (UNINTER/SC) e Gestão Empresarial (UNIFBV).



diversidade corporal e identitária. A exclusão de pessoas trans e não binárias evidencia não apenas uma negligência social, mas também um déficit de mercado: ao ignorar demandas específicas para esses públicos, a indústria perde oportunidades concretas de inovação e expansão. Incorporar múltiplas morfologias aos processos técnicos não é apenas uma questão de equidade, mas uma resposta estratégica às transformações sociais, capaz de ampliar o alcance do setor e torná-lo mais aderente e representativo às realidades contemporâneas.

2. A Problemática

A ABNT NBR 16060:2012, norma técnica que estabelece diretrizes para a identificação do vestuário com base em medidas corporais, representa um esforço de padronização que organiza a cadeia produtiva da moda brasileira. No entanto, seus parâmetros operam dentro de uma lógica morfológica binária, segmentando tabelas segundo os marcadores “feminino” e “masculino”, desconsiderando variações corporais comuns em pessoas trans e não binárias.

Essa limitação compromete e inviabiliza soluções técnicas adequadas para corpos que não se enquadram em tais categorias. Para homens trans, por exemplo, a ausência de modelagens que considerem a compressão torácica pelo uso de binders, o ajuste do comprimento de peças ou a proporção entre ombros estreitos e quadris mais alargados, evidencia um apagamento técnico sistemático. Já mulheres trans, não há previsões que abranjam proporções corporais como ombros mais largos, quadris estreitos ou comprimentos diferenciados de tronco, o que impacta de forma negativamente sucessiva o caimento e usabilidade das peças.

Pessoas não binárias, por sua vez, enfrentam uma ausência ainda mais acentuada: a estruturação do vestuário segue presa a uma dicotomia morfológica que impede a criação de silhuetas neutras, híbridas ou ambíguas. A norma vigente não contempla propostas que escapam dessa rigidez, o que impede avanços na modelagem de roupas que comuniquem identidades não alinhadas ao binarismo de gênero.

Com isso, a técnica passa a operar não como um instrumento de precisão e adaptação, mas como mecanismos de exclusão e uniformização. A impossibilidade de desenvolver peças a partir de medidas corporais que reflitam essas variações resulta na prática recorrente de adaptação: pessoas trans e não binárias são levadas a consumir roupas desenhadas para outros corpos, ajustando-se posteriormente de modo improvisado. Isso reforça o distanciamento entre o corpo real e o corpo previsto pela norma, transferindo o indivíduo a responsabilidade pela adequação, o que repercute parâmetros disfóricos.

1. Graduanda em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudo na área de História da Moda.
2. Graduanda em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudos na área de Figurino.
3. Graduada em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, Especialista em Gestão e Planejamento de Modelagem pelo SENAI CETIQT. Atua como Professora da Faculdade SENAC PE e consultora de negócios de moda autoral.
4. Graduação em Design Industrial pela UFPE e pós-graduações em Design de Moda (UFPE), Gestão Ambiental e Desenvolvimento (UNINTER/SC) e Gestão Empresarial (UNIFBV).



Dessa forma, a manutenção da ABNT NBR 16060:2012 como diretriz central sem a devida revisão de suas bases antropométricas evidencia não apenas uma lacuna técnica, mas a persistência de um paradigma normativo que restringe o desenvolvimento do vestuário a um espectro corporal limitado e excludente. A ausência de parâmetros que considerem as especificidades da comunidade revela que esses corpos ainda não são reconhecidos como sujeitos mensuráveis dentro das estruturas formais de modelagem. Assim, a norma técnica deixa de ser um instrumento de adequação ergonômica para torna-se um agente ativo na validação de determinados corpos em detrimento de outros - reforçando uma lógica de exclusão sistemática sob a aparência de neutralidade científica. Essa recusa em contemplar corporalidades dissidentes sustenta, de forma contínua, a experiência de inadequação vivida por sujeitos que, desde o início, foram excluídos dos referenciais legitimados pela indústria.

3. Soluções

Diante dos problemas identificados na seção anterior, este estudo propõe um conjunto de soluções que visam mitigar os impactos observados. As propostas a seguir foram elaboradas com base em dados empíricos, revisão bibliográfica e experiências já consolidadas em contextos semelhantes.

3.1 Criação de uma nova tabela de medidas

Uma das principais alterações que necessitam ser feitas é a de criação de uma nova tabela de medidas que atenda ao público, não somente de gênero fluido e não binário, como também aos corpos de pessoas trans, que sofrem alterações durante seu processo de tratamento hormonal. Com a criação de novas medidas seria possível confeccionar peças mais ergonômicas, não somente para essas pessoas, como para aqueles que não se encaixam nas medidas padronizadas criadas pela indústria. Durante pesquisas realizadas com o público, 100% das respostas afirmavam que não se identificavam com as medidas usadas pela indústria e que não se adaptava bem a sua anatomia corporal, o que lhes causava disforia ou inseguranças acerca dessas peças de roupa.

3.2 Novas técnicas de modelagem plana

A modelagem plana é o principal meio de padronização utilizado pela indústria quando o assunto é grandes produções, entretanto, são essas padronagens que causam diversos problemas, como os diferentes caimentos em corpos diversos. Mesmo que o método de modelagem plana brasileira tenha sido atualizado ele não consegue atender a diversos públicos, muitos dos cálculos efetuados nesse processo não levam em conta o processo de mudança

1. Graduanda em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudo na área de História da Moda.
2. Graduanda em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudos na área de Figurino.
3. Graduada em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, Especialista em Gestão e Planejamento de Modelagem pelo SENAI CETIQT. Atua como Professora da Faculdade SENAC PE e consultora de negócios de moda autoral.
4. Graduação em Design Industrial pela UFPE e pós-graduações em Design de Moda (UFPE), Gestão Ambiental e Desenvolvimento (UNINTER/SC) e Gestão Empresarial (UNIFBV).



corporal. Por isso, se faz necessário um novo método de modelagem, onde sejam adaptadas cavas, penses, e novos cortes onde valorize a silhueta.

3.2 Materiais e acabamentos

Quando falamos sobre roupas para peças de gênero fluido, não binários ou até mesmo pessoas trans. Pouco se fala sobre os melhores materiais que atendam ao cotidiano delas. O binder é um item muito utilizado dentro desses grupos, por isso é de suma importância analisar os materiais que serão utilizados na sua confecção, ou de qualquer outra peça, pois são roupas que comprimem o corpo e seu uso excessivo pode gerar vários problemas como dores de coluna e dificuldade ao respirar. Além disso, o acabamento que as peças devem ter é de suma importância, tanto para obter o resultado esperado – compressão dos seios – quanto para o conforto no uso delas, possuindo mais circulação de ar e tendo estrutura anatômica para evitar danos futuros.

4. O impacto social da inclusão na moda

A inclusão de pessoas não binárias na moda tem efeitos sociais significativos, pois contribui para a visibilidade, valorização e legitimação de identidades historicamente marginalizadas. Ao adotar representações mais plurais em campanhas, passarelas e coleções, a moda amplia o entendimento coletivo sobre gênero, desafiando normas binárias e propondo novas formas de expressão.

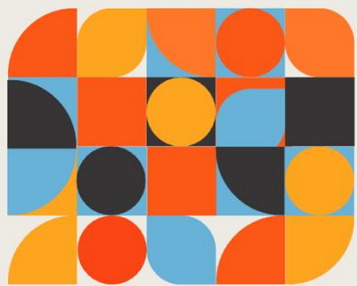
Essa abertura também impacta positivamente a autoestima de pessoas não binárias, além de influenciar mudanças em outros setores, como a mídia, a publicidade e o mercado de trabalho. Assim, a moda se torna um agente de transformação social, capaz de promover uma cultura mais inclusiva, diversa e consciente.

5. Desafios

A inclusão de pessoas de gênero fluido e não binárias na moda esbarra em diversos obstáculos estruturais. Apesar dos avanços em debates sobre diversidade e representatividade, a indústria da moda ainda reproduz um modelo centrado em binarismos e padrões normativos. A seguir, são analisados quatro grandes desafios enfrentados por esse setor:

5.1. Impacto econômico

1. Graduanda em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudo na área de História da Moda.
2. Graduanda em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudos na área de Figurino.
3. Graduada em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, Especialista em Gestão e Planejamento de Modelagem pelo SENAI CETIQT. Atua como Professora da Faculdade SENAC PE e consultora de negócios de moda autoral.
4. Graduação em Design Industrial pela UFPE e pós-graduações em Design de Moda (UFPE), Gestão Ambiental e Desenvolvimento (UNINTER/SC) e Gestão Empresarial (UNIFBV).



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

19º FORUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A lógica capitalista que rege o mercado da moda é voltada para produção em larga escala e alto lucro, o que dificulta a abertura para coleções mais diversas e segmentadas. Muitas marcas consideram o público de gênero não normativo como "de nicho" e, portanto, financeiramente arriscado. A produção de roupas sem gênero fixo exige novas modelagens, tamanhos mais amplos e flexíveis, e campanhas publicitárias específicas — o que eleva os custos e exige investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Sem garantias de retorno imediato, muitas empresas optam por ignorar esse público, mantendo um ciclo de exclusão baseado na falsa ideia de baixa demanda.

5.2. Resistência mercadológica

A indústria da moda, sobretudo as grandes marcas e varejistas, é historicamente conservadora e baseada em binarismos rígidos (masculino x feminino). Essa estrutura dificulta a inserção de propostas que desafiem o padrão normativo. A resistência parte não apenas dos altos escalões criativos e empresariais, mas também de consumidores tradicionalistas que rejeitam propostas mais inclusivas. Além disso, ainda há insegurança sobre como comunicar moda sem gênero sem gerar polêmicas ou rejeição pública, o que faz com que muitas empresas prefiram permanecer no caminho “seguro” da moda binária.

5.3. Falta de formação qualificada

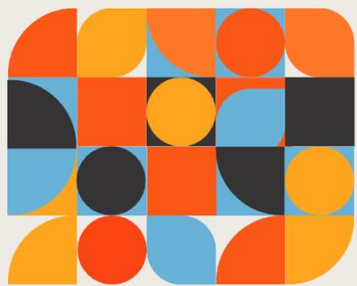
Outro entrave está na formação dos profissionais da área. Cursos de moda, marketing e design frequentemente perpetuam padrões cisnormativos e pouco se debruçam sobre a diversidade de corpos e identidades. A ausência de disciplinas que abordem gênero de forma crítica e interseccional resulta em profissionais despreparados para pensar coleções que atendam pessoas fora do binário. Isso impacta desde a concepção das peças até a comunicação e distribuição dos produtos, reforçando a exclusão estrutural dessas identidades.

5.4. Falta de adaptabilidade

Mesmo marcas que reconhecem a importância da inclusão enfrentam barreiras logísticas e estruturais para adaptar seus processos. Sistemas de produção e distribuição estão voltados para categorias fixas de gênero, o que afeta desde o design até a organização das lojas (ex: seções masculina e feminina). A mudança exige reformulações internas, inclusive em softwares de gestão de estoque, provedores, linguagem de etiquetas e atendimento ao cliente. Essa falta de flexibilidade operacional dificulta a implementação de coleções mais inclusivas, mesmo quando há vontade institucional.

Considerações Finais

1. Graduanda em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudo na área de História da Moda.
2. Graduanda em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudos na área de Figurino.
3. Graduada em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, Especialista em Gestão e Planejamento de Modelagem pelo SENAI CETIQT. Atua como Professora da Faculdade SENAC PE e consultora de negócios de moda autoral.
4. Graduação em Design Industrial pela UFPE e pós-graduações em Design de Moda (UFPE), Gestão Ambiental e Desenvolvimento (UNINTER/SC) e Gestão Empresarial (UNIFBV).



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

19º FORUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A moda, enquanto linguagem visual e social, exerce um papel fundamental na construção e expressão das identidades de gênero. Diante da emergência de discursos mais plurais e da visibilidade crescente de corpos não binários, torna-se urgente repensar práticas, estruturas e narrativas que ainda operam dentro de uma lógica binária e excludente. Este estudo demonstrou que, embora avanços tenham sido observados em iniciativas de marcas independentes e em ações pontuais da indústria, a inclusão de pessoas não binárias ainda é marcada por desafios significativos, como a limitação de modelagens, a linguagem de gênero nas campanhas e a resistência institucional à diversidade.

Contudo, ao mesmo tempo em que enfrenta tais obstáculos, a moda também se apresenta como um potente espaço de ressignificação e transformação. As possibilidades de criação de peças agênero, a expansão de representações nas mídias de moda e a atuação de profissionais LGBTQIAPN+ no setor são caminhos promissores para uma moda mais inclusiva e democrática. A superação dos paradigmas binários demanda, portanto, não apenas mudanças estéticas, mas sobretudo éticas, políticas e estruturais. Promover a inclusão de corpos não binários na moda é, antes de tudo, reconhecer sua legitimidade e direito à expressão plena da identidade.

Referências

SILVA, João Carlos. *Modelagem industrial brasileira*. São Paulo: Editora Moda & Design, 2020.

AS AVESSAS. Relatório — *As Avestas*. Disponível em: <https://asavessas.com/relatorio-av/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TRANSmasculinidades – IBRAT SP. *Cartilha Tecnologias Transmasculinas*. São Paulo: Secretaria Municipal da Saúde, 2021. Disponível em: https://drive.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/Cartilha_Tecnologias_Transmasculinas_ibratsp_trans_no_corre.pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. *Sexualidade, corpo e direito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FILHO, João Gomes. *Ergonomia do objeto: sistema técnico de leitura ergonômica*. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

1. Graduanda em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudo na área de História da Moda.
2. Graduanda em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, interesse e estudos na área de Figurino.
3. Graduada em Design de Moda pela faculdade SENAC PE, Especialista em Gestão e Planejamento de Modelagem pelo SENAI CETIQT. Atua como Professora da Faculdade SENAC PE e consultora de negócios de moda autoral.
4. Graduação em Design Industrial pela UFPE e pós-graduações em Design de Moda (UFPE), Gestão Ambiental e Desenvolvimento (UNINTER/SC) e Gestão Empresarial (UNIFBV).